

Economia



PLENÁRIO DA CÂMARA: avaliação econômica dos estados brasileiros aponta desenvolvimento social

REGIÃO SUDESTE

Espírito Santo é o que tem menos pobres

Estudo da Câmara Federal mostra que 9,53% da população capixaba é pobre. Maranhão lidera o ranking com 39%

Marcos Rosetti
DE BRASÍLIA

Um estudo social e econômico feito pela Câmara Federal revela que 9,53% da população capixaba — cerca de 380 mil pessoas — é constituída de pobres. O Estado está em 20º lugar no ranking nacional, liderado pelo Maranhão com 39%. No Sudeste, o Espírito Santo é o local com o menor número de pobres.

A situação capixaba é melhor do que a de vários estados. Maranhão e Espírito Santo têm quase a mesma população: Espírito Santo com 3,8 milhões de pessoas e Maranhão tem 3,7 milhões.

Já em Santa Catarina, apenas 3,65% da população é considerada

pobre, a melhor avaliação do País.

Os dados para avaliação da pobreza são do Censo 2010 e a porcentagem leva em conta pessoas com a renda domiciliar per capita (por pessoa) inferior a R\$ 140 mensais. Referente às suas populações, os estados do Nordeste e do Norte são os com maior pobreza. Os 16 estados dessas regiões ocupam da 1ª à 16ª posições na classificação.

Dos 78 municípios capixabas, seis têm Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) positivo, acima da média do Estado: Vitória (0,845), Vila Velha (0,800), Colatina (0,746), Aracruz (0,752), João Neiva (0,753) e Cachoeiro de Itapemirim (0,746). O pior IDH capixaba é de Ibitirama (0,622).

Comparado a outros estados, o Espírito Santo é um dos mais desenvolvidos socialmente. O Estado ocupa a sétima posição no IDH e a 8ª colocação no Índice de Desenvolvimento Socioeconômico (IDSE).

PIB

Na avaliação do PIB per capita, o Espírito Santo ocupa a quarta posi-

ção no Brasil, com cerca de R\$ 27.542. Quem ocupa a posição de destaque é o Distrito Federal, que tem quase três vezes mais que a média nacional de R\$ 21.536. Todos os estados das regiões Norte e Nordeste apresentam PIB per capita abaixo da média nacional. O PIB per capita da região Nordeste é inferior à metade da média nacional.

O programa social Bolsa Família é bem concentrado na região Sudeste, mas no Espírito Santo não se vê essa concentração.

São Paulo ocupa o primeiro lugar no Sudeste e o segundo lugar no Brasil. Minas Gerais ocupa o segundo lugar do Sudeste e o terceiro do País. Rio de Janeiro está no terceiro lugar do Sudeste e no oitavo no País. Já o Espírito Santo aparece em 18º no ranking nacional.

O NÚMERO

20º lugar

é ocupado pelo Estado no ranking nacional de pobreza

SAIBA MAIS

Índice mede desenvolvimento humano

IDH

O ÍNDICE DE DESENVOLVIMENTO HUMANO (IDH) mede o nível de desenvolvimento humano de determinada região e seu cálculo é feito a partir da renda per capita, expectativa de vida e número de anos de estudo. Os dados mais recentes são de 2010, sendo a média de 0,726.

DOS 78 MUNICÍPIOS do Espírito Santo, seis tem IDH positivo, acima da média capixaba: Vitória (0,845), Vila Velha (0,800), Colatina (0,746), Aracruz (0,752), João Neiva (0,753) e Cachoeiro de Itapemirim (0,746).

O PIOR IDH capixaba é de Ibitirama (0,622).

IDSE

O ÍNDICE DE DESENVOLVIMENTO SOCIOECONÔMICO (IDSE) é consti-

tuído por blocos de sub-indicadores relacionados a educação e saneamento básico, qualidade de moradias, emprego e renda, pobreza e desigualdade, saúde e segurança.

OS DADOS mais atuais são de 2007.

Pobreza

O MARANHÃO é o estado líder no ranking de pobreza, com 39% da população. Alagoas ocupa o segundo lugar, com 34,29%. No Espírito Santo, apenas 9,53% da população é considerada pobre. A melhor avaliação é de Santa Catarina, com 3,65%.



VITÓRIA: melhor IDH do Estado



HENRIQUE MEIRELLES

O longo prazo chegou

Uma rebelião eleitoral cruzou a Europa, pondo em xeque as bases da construção política e econômica do pós-guerra. De neonazistas a ultrasquerdistas, partidos extremistas tiveram votações expressivas ao Parlamento Europeu, catapultados pela rejeição ao euro e pelo sentimento anti-imigração — bandeiras estimuladas pelo alto desemprego em alguns países.

O desemprego causado pela crise econômica é acentuado pelo processo de união monetária europeia.

O euro teve consequências positivas por muito tempo, mas agora vários países pagam o preço dos excessos do período de bonança e de decisões econômicas que buscam maximizar benefícios imediatos e desconsideram consequências negativas no longo prazo, como vemos também na América Latina.

A grande atração inicial do euro, principalmente nos países mais fracos, foi o aumento da confiança com a adoção de moeda forte, o que trouxe juros menores, grande entrada de crédito, estabilidade cambial e aportes financeiros da União Europeia.

Durante um bom tempo, países como Espanha e Portugal cresceram a taxas aceleradas, com capital barato e farto, já que bancos e investidores partiram do pressuposto de que, com o euro, a qualidade do crédito seria comparável à de países estáveis e rigorosos na gestão macroeconômica, como a Alemanha. Isso criou desequilíbrios estruturais.

De um lado, países que mantiveram políticas macroeconômicas que justificavam juros baixos, como contenção fiscal e alta competitividade; do outro, países com políticas fiscais e creditícias frouxas, que tiveram alta exagerada de consumo e endividamento.

Em economia, tudo se equilibra ao longo do tempo. Políticas governamentais sustentam desequilíbrios temporariamente.

A procrastinação de ajustes inevitáveis pode durar anos. Mas o problema do longo prazo é que um dia ele chega.

Foi o que aconteceu na Europa, com a exaustão do modelo de consumo baseado em juros artificialmente baratos e aumento de deficits. É preciso agora enfrentar o ajuste.



O desemprego causado pela crise econômica é acentuado pelo processo de união monetária europeia

Mas esses países não podem contar com a desvalorização cambial, o mecanismo natural de ajuste de produtividade, que torna a economia mais competitiva no curto prazo e permite fazer as reformas gradualmente.

Sobram apenas mecanismos duros, que geram recessões pesadas, com recuo de salários e custos. A Europa vive essa ressaca, refletida nas eleições. A cura virá com reformas fundamentais na área fiscal e trabalhista, redução da burocracia e aumento da produtividade.

A outra opção é a saída do euro, uma das propostas da rebelião europeia, com todas as suas graves consequências econômicas e políticas.

Mais uma vez, acontecimentos externos oferecem lições importantes ao Brasil.

HENRIQUE MEIRELLES é ex-presidente do Banco Central

Publicação simultânea com a Folha de São Paulo

Grupo coloca prédio do hotel Sheraton Rio à venda

RIO

O prédio do Sheraton Rio, na avenida Niemeyer, está à venda. A Starwood Hotels & Resorts, dona do empreendimento, decidiu passar o imóvel adiante. A ideia é assinar um contrato de longo prazo com o novo proprietário, que garanta a permanência da marca na gestão do hotel. A operação foi de-

legada ao grupo de hotéis e hospitalidade da JLL (Jonas Jang La-Salle).

A transação deve atingir valor histórico no segmento de hotelaria no Brasil, prevê Rodrigo Mader, diretor da consultoria para a América do Sul.

Na opinião de Rubem Vasconcelos, presidente da Patrimóvel, não deve ultrapassar R\$ 250 milhões.